

A “Insônia” de Pablo Kovalovsky.*

Miriam A. Nogueira Lima

Autor: Kovalovsky

Gorriti 4435 CP: 1414

Buenos Aires Argentina

E-mail: pkovalovsky4@hotmail.com

Tel: 541148253407 fax: 541148313622

Título: INSÔNIA.

Leitora: Miriam N. Lima

Farme de Amoedo, 152/201 Ipanema

Rio de Janeiro Brasil

E-mail: manglima@gmail.com

Tel.: 55 21 2287- 0729

Instituição: Intersecção Psicanalítica do Brasil

Para abordar uma "clínica da Insônia", o autor parte de algumas temáticas freudianas nas quais baseia seu trabalho, tais como: os diferentes destinos da dupla função do sonho - realização de desejo e proteção do sono; estruturas imaginárias do ego que se evidenciam nas consequências clínicas dessa diferença; estados afetivos do luto e do apaixonamento; o dormir como estado e o sonhar como fenômeno; o narcisismo primitivo expresso na "nudez do dormir" e na "paz do isolamento dos estímulos externos"; a convergência disso com o Nirvana enquanto grau zero do desejo (a paz dos minerais).

Utiliza ainda afirmações como as seguintes: o desejo de dormir a partir de um dado momento é definido como uma paixão. Trata-se da paixão da ignorância, ou seja, nada querer saber do mundo exterior; o sonho passa a afirmar-se como "perturbador do sono"; o sentimento de espanto é produzido pela ruptura da perspectiva cênica e supõe uma vacilação na estrutura da fantasia; na borda do sonho, a elaboração onírica torna-o inteligível, velando para que o sonho prossiga e protegendo o sono; é ela ainda que o atualiza dando-lhe um "rostro" a partir da integração dos dados da vigília que estão "*pret a porter*", isto é, que podem ser prontamente usados; ainda na borda do sonho, a negação (pois o ego do sonhador se apresenta na negação: "não é mais que um sonho") "é a correlação do *shifter* que liga acontecimento e legibilidade; refere à angústia como aquilo que surge ante a possibilidade da realização do desejo e interrompe o sonho e o sono, a um só tempo, enquanto que a elaboração secundária agora provoca um primeiro despertar ainda no estado de dormir.

Desde esses conceitos, princípios, noções e afirmações, Kovalovsky aborda uma clínica da insônia que teria interrogado Freud via a economia do gozo articulada à introdução do imaginário narcísico.

Estabelecendo uma equivalência entre insônia, pesadelo, melancolia e hipocondria, ele tece as seguintes considerações: o despertar pode não se produzir devido uma ausência do ego, aquele que se refere ao sonho pela negação ou que não emite os sinais de angústia ante a possibilidade de realização do desejo. Em ambos há um déficit da função imaginária do ego.

Freud teria delimitado as relações entre insônia e melancolia (narcisismo exacerbado ou seu déficit). Na impossibilidade de se depor o objeto, enquanto "suplemento corpóreo" ou "vestidura", o que corresponde na melancolia a uma retenção equivalente é o superego que faz às vezes de guardião insone.

Na hipocondria, ao contrario da paixão da ignorância, trata-se de um "só querer saber" fatigante e com o qual o corpo se adverte (e se diverte, diria eu) na insônia.

* Para o dispositivo de leitores do Congresso de Convergencia em Paris, realizado em 2000.

Não escapa ao autor a relação do hipnotizado com o hipnotizador que Freud comparara à relação da mãe adormecida e o choro do filho, representando a face sempre desperta de todo dormir.

No melancólico uma instância crítica insone martiriza o ego incessantemente. O hipnotizador incorpora a função vigilante do superego. Lembra-se, ainda com Freud, a raiz comum ao fenômeno do “enamoramento” e da hipnose, a qual se exerce por via do amor ou do terror.

A conclusão passa pela afirmação de que há no dormir uma parte desperta, habitada seja pelo desejo realizado no ego, seja pelo fantasma do hipnotizador, o qual, segundo Freud, localizava e estabelecia uma fronteira fixa a essa parte desperta, impedindo, assim, que o sujeito ficasse a mercê de um gozo absoluto, narcísico primário, conjunção de um gozo máximo e de um horror, idem, do imaginário incestuoso de retorno ao seio materno.

No final do texto, o autor faz uma crítica à hipnose “a qual impede não somente o sonho como também o jogo, o brincar”, e supõe um lugar no tratamento analítico a partir do qual o analista abre a cena da associação livre, já a hipnose, por sua vez, “*vient tamponner la possibilité même de rêver ou de jouer*”.

Miriam Nogueira Lima

Rio de Janeiro, 05 de Dezembro, 2000.

(Para o dispositivo de leitores do Congresso de Convergencia em Paris).